

Cidade com sono

Guilherme Wisnik

Há um sono permanente na cidade. Um sono cinza, ocre, bege, branco, rosa. E, em meio ao sono, sinais esparsos da passagem de pessoas. Pessoas que deixaram rastros, nem sempre compreensíveis. Como um conjunto de pedras meticulosamente empilhadas por dentro de um poste esburacado. Porque? Por quem? Para quem?

A grande cidade é o lugar da massa, da compressão dos corpos, da multidão, da densidade, e também do anonimato e da solidão. Mas Felipe Russo percorre o centro de São Paulo muito cedo, quando a luz é suave e as ruas estão desertas. Sobra, no entanto, o rastro vivo da passagem das pessoas: as pegadas impressas no cimento ainda mole da calçada, um saco abandonado no chão, caixotes de madeira empilhados, um colchão de espuma com uma prancha de Eucatex, um papelão dobrado sobre o banco de azulejos, ou um outro papelão estendido sobre o chão, grudando-se nele por um emaranhado de fitas adesivas. O que será isso? Uma cama usada durante a noite que recém termina? Uma espécie de tampa improvisada para cobrir buracos superficiais no piso? Vistos assim, esses rastros todos resultam muito delicados, apesar da situação de violência social a que aludem. Tal delicadeza tem relação com a suavidade da luz, que ajuda a deixar a cidade quase monocromática, com variações de tom em torno do cinza e do bege sob um céu branco. Uma cidade sem drama, cuja nudez - revelada após a retirada da parafernália de publicidade que a cobria - se revela quase pudica.

Se o *flanêur* de Baudelaire é o artista que se mistura e se perde no meio da multidão, isto é, do tumulto urbano, o fotógrafo Felipe Russo flana por São Paulo em sentido inverso. Seu olhar procura os rastros vazios. Mas não apenas os vestígios da passagem humana recente. Através de suas fotos, a cidade parece ter ela mesma algo como uma existência própria, autogerada, visível nas placas de piso que se levantam levemente como se fossem placas tectônicas deslizando, no poste que se dobra estranhamente sobre o chão, nas portas que se abrem para o nada (o que será que elas fecham?), ou no concreto carcomido do poste, que expõe seus vergalhões internos de ferro como dentes esqueléticos em uma sinistra gargalhada.

Olhados de perto, os elementos da cidade que aqui aparecem revelam uma curiosa proximidade associativa, nas padronagens repetidas de azulejos, pedrinhas de mosaico português, pastilhas de parede e módulos reticulados das placas de ladrilho hidráulico das calçadas. O que nos faz perceber melhor a

invasão de irregularidade através dos módulos faltantes, dos buracos ainda presentes, ou das peças substituídas por outras mais novas. Na última foto, uma vasta clareira de areia em meio a um piso de mosaico português parece algo tão abstrato que consegue confundir-nos quanto à sua escala. A presença da areia ali, no entanto, não é algo accidental. É sobre ela que as pedrinhas são assentadas. E, portanto, são elas que sobram à vista quando essas mesmas pedras são removidas, pela lenta ação do tempo e da falta de manutenção, ou pelo ato de simples vandalismo. “Por debaixo dos paralelepípedos, a praia! (*sous les pavés, la plage!*)”, dizia um dos mais bonitos lemas situacionistas do Maio de 68 em Paris, como referência à remoção das pedras das ruas para a construção de barricadas. Mas também como metáfora de um desejo lúdico latente sob as ruas da cidade, e prestes a emergir. No caso de São Paulo, contudo, tanto as barricadas quanto o desejo lúdico parecem estar fora do horizonte. E enquanto a cidade dorme seu sono letárgico, vamos olhando para as fotos de Felipe Russo pensando em um modo plausível de acordá-la.

The city is permanently asleep. A grey, ochre, beige, white, pink sleep. And, in the midst of the sleep, a few signs of people passing by. People who leave behind trails, ones that we don't always understand. Like stones meticulously stacked inside a rutted lamppost. Why? By who? For who?

The big city is a crowded place, the press of bodies, of density, and also of anonymity and loneliness. But Felipe Russo walks through downtown São Paulo very early in the morning, when the light is suave and the streets are deserted. Leftover, however, is the living evidence of people: footprints on the still soft concrete of the sidewalk, a plastic bag thrown on the ground, stacked wooden boxes, a foam mattress, folded cardboard on the tiled bench, more cardboard laid flat on the ground, stuck down with a large tangle of duct tape. What is this? A bed used during the just ended night? A kind of improvised covering for superficial holes on the ground? From this point of view, all these trails sum up delicately, despite the social violence they suggest. There is a correlation between such a delicate scene and the softness of the light, helping to keep the city almost monochromatic, with different shades of grey and beige under a white sky. A city with no drama, whose nakedness - revealed after removing the publicity paraphernalia which covered it - is almost prudish.

If the *flaneur of Baudelaire* is the artist who mingles and gets lost in the crowd, that is, in the the urban commotion, the photographer Felipe Russo

strolls around São Paulo in the opposite direction. His eyes seek empty trails - but not only of the remains from recent human passage. Through his photos, the city seems to have its own existence, self-generated, visible in the tiles that rise slightly as if they were sliding tectonic plates, the lamppost that strangely folds over the ground, the doors that open to nowhere (or do they close?), or the broken concrete of the lamppost, exposing its inner iron bars like skeletal teeth in sinister laughter.

On a closer look, the elements of the city that appear here reveal a curious associative proximity in the patterns repeated on the tiles, Portuguese mosaics, wall tiles and cross-linked modules of the sidewalk bricks, which highlights the invasion of irregularity in the missing pieces, from the holes that are still there, or from the pieces replaced by the new ones. In the last picture, an extensive clearing of sand in the middle of a Portuguese mosaic floor seems to be so abstract that it can confuse us as to its scale. The presence of the sand here, however, is not by chance. It's on top of them that the little mosaic stones are seated. And, therefore, they will remain in sight when those stones are removed by the slow action of time and lack of maintenance, or by the simple act of vandalism. "Below the cobblestones, the beach! (*sous les pavés, la plage!*)", says one of the most beautiful situationists slogans in May '68 in Paris, as a reference to the removal of the cobblestones to build a barricade. But, also, as a metaphor from a playful latent desire about the streets of the city that is about to emerge. In the case of São Paulo, however, either the barricades or the playful desire seems not to be on the horizon. While the city is in its lethargic sleep, we keep looking at Felipe Russo's pictures thinking about a way of waking it.